

recepção mais ampla, era entendido como potencialmente ameaçado. Neste estudo, centraremos a nossa atenção num *corpus* textual assinado por dois autores muito relevantes da escrita e da ilustração que tem na criança o seu preferencial destinatário, a saber Luísa Ducla Soares (1919) e Zé Manel (1944-2019), sendo as suas obras tomadas como exemplos de que acabámos de expor, em concreto por representarem manifestações artísticas condicionadas pelo contexto em pauta e por, ainda assim, encerrarem um notório carácter inovador.

2. Para uma análise das ilustrações de Zé Manel nas narrativas de Luísa Ducla Soares

Luísa Ducla Soares, uma das mais prestigiadas e reconhecidas autoras portuguesas para a infância, contado a sua obra literária com mais de 100 títulos³, repartidos pela poesia, pela narrativa (breve ou mais longa) e pelo texto dramático, bem como pelas reescritas da tradição, constitui, no que concerne ao que vimos de expor e como sugerimos, um caso exemplar, se atendermos, por exemplo, à História da edição das suas primeiras obras dedicadas à criança, ou seja e designadamente, *A História da Papoila* (1972) e *O Soldado João* (1973), títulos que, juntamente com *O Ratinho Malinho* (1973), compõem o *corpus* textual deste estudo. Estes três títulos foram seleccionados pelo facto de contarem, na sua primeira edição, com ilustrações de Zé Manel (1944-2019). Publicadas nos derradeiros anos do Estado Novo, genericamente, as três narrativas reflectem o «estilo sereno e decidido» [9] da autora, bem como a sua habitual «modernidade na selecção e tratamento dos temas» [9], alguns manifestamente sensíveis, à data em que foram dados à estampa, e notórios em muitos outros títulos da contemporaneidade publicados por Luísa Ducla Soares. Efectivamente, essas obras inaugurais anunciam já as «linhas programáticas pelas quais se regerão as restantes.» [5].

Mas esse «estilo decidido», atribuído a Luísa Ducla Soares, transpõe, igualmente, da composição ilustrativa assinada por Zé Manel. O artista Zé Manel (ou, simplesmente, ZM, como, por vezes, assinava os seus trabalhos [1]), pseudónimo de José Manuel Domingues Alves Mendes (1944-2019), era filho do criador de banda desenhada António Serra Alves Mendes, conhecido por Méco (1915-1957). Possuía o curso de desenhador-gravador-litógrafo da Escola de Artes Decorativas António Arroio [12]. A lista das suas realizações no campo gráfico, representadas em inúmeras colecções particulares e também, por exemplo, no Museu Sammlung Karikaturen & Cartoon, de Basel, na Suíça, é verdadeiramente extraordinária, revelando a versatilidade do seu talento⁴. Distinguiu-se,

como cartoonista, ilustrador e criador de banda desenhada⁵, entre outros. Entre as suas múltiplas criações ilustrativas, contam-se participações em jornais, como *O País*; revistas, como *Jornal do Exército*; revistas de humor, como *O Bricolage*, *A Chucha* ou *Parada da Paródia*; revistas infantil-juvenis, como *O Fungá da Bicharada*, *Mini-Época* e *Pisca-Pisca*; livros vários⁶, maioritariamente de humor, como *Bomba H*; livros escolares leturários; discos; cenografia para teatro e cinema de animação; vitrais; obras para a infância, como *História de um Bago de Milho* (Estúdios Cor, 1968), de Maria Lúcia Namorado, *Afinal, não foi difícil...* (Verbo, 1970), de Maria Isabel Mendonça Soares, *Vamos adivinhar os frutos* (Ed. de autor, 1978), de Soledade Martinho Costa, entre muitas outras, nomeadamente as três, da autoria de Luísa Ducla Soares, que constituem o conjunto textual seleccionado para a presente abordagem.

Atentemos, primeiramente, na obra *A História da Papoila* (1972)⁷.

Trata-se, na verdade, de um livro histórico, o primeiro que Luísa Ducla Soares dedica à infância, depois de, dois anos antes (1970), ter publicado um pequeno volume de poesia para adultos, *Contrato*, obra que viria a ser apreendida pela PIDE. A edição deste seu primeiro livro para crianças afigura-se surpreendente e encontra-se envolta em História e em histórias, como registou a própria autora:

«Porquê da papoila? Porque a rubra flor silvestre é, mais que o cravo, a flor da liberdade: só vive nos campos e morre se a colherem para a aprisionarem numa jarra. // Porque a papoila constitui, para mim, o símbolo da alegria, sã e espontânea, é um riso escaldante de baixo do sol. // Levei o dactiloscrito a um editor que então desconhecia: José Saramago⁸, dos Estúdios Cor. O livrinho foi publicado com belas ilustrações de Zé Manel e, para minha surpresa, pretendeu o SNI galardão-lo



Fig. 1. Capa de *A História da Papoila*

5 Cf. «Estive presente em todos os Festivais Internacionais de Banda Desenhada da Amadora, tendo ali sido distinguido (em 2011) com o "Prémio de Honra". Uma recente exposição dos seus trabalhos, sob o tema "Eros: uma vez o Humorista Zé Manel", deu origem a um catálogo que é um repositório do aspecto mais sensual da sua obra.» (Almeida, s./d.).

6 O livro *Manual da Mãe-Língua*, que foi publicado antes do 25 de Abril, foi apreendido pela Censura. 7 Cf. Almanaque Silva: «1973 Soares, Luísa Ducla, *A História da Papoila*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor. Capa/contracapa il. 4 cores, miolo il. 2 e 1 cor + poster il. 4 cores» (<https://almanaque.silva.com/ze-manel/>).

8 Cf. Depoimento de José Saramago, patente em Azevedo (1999): «Também recordei o tempo em que trabalhei na Editorial Estúdios Cor, quando uma vez ou outra recebemos a visita de agentes da PIDE que iam apreender livros. Era uma espécie de 1960 do gato e do rato (...)» [2].